

Pinacoteca | Um modo de ver o mundo na obra “Batman, Madonna e Mulher Maravilha”, de Romanita Disconzi

Jornal da Universidade / 18 de abril de 2024

Artes visuais | Luís Eduardo Hofmeister, bacharelado em História da Arte, mostra como a artista visual desafiou categorias consagradas e expressou o espírito de seu tempo

*Por: Luís Eduardo Hofmeister

*Foto: Acervo PBSA/UFRGS - Reprodução

Em uma entrevista concedida à Galeria Tate em 2015, em razão de uma grande exposição coletiva de Arte Pop, a artista gaúcha **Romanita Disconzi** afirma não se considerar uma artista pop. Segundo ela, seu trabalho apenas bebe da mesma fonte que a Arte Pop – isto é, a cultura de massa, os ensaios fotográficos dos famosos, a publicidade de consumo.

Na grande pintura **Batman, Madonna e Mulher Maravilha**, de 1993, os elementos da cultura pop estão muito bem colocados: o sorriso característico de Madonna aparece ao lado do rosto da Mulher Maravilha e do logotipo do Batman, saídos diretamente dos quadrinhos, juntamente a uma grande flor de hibisco. As imagens, contudo, parecem compostas por uma série de pequenos quadradinhos de cor sólida, que vão se misturando um ao outro; é difícil dizer onde termina a flor e começa o símbolo do Batman, por exemplo.

A comunicação sempre foi um dos grandes interesses de Romanita. Nascida na cidade de Santiago, RS, em 1940, sua presença no mundo artístico gaúcho é muito marcante: professora na graduação e na pós-graduação no Instituto de Artes da UFRGS por várias décadas, Romanita também foi diretora do MARGS e participou do grupo de artistas conhecido como Nervo Óptico na década de 1970.

Em 1969, motivou a criação da categoria “objeto” no Salão da Cidade de Porto Alegre, já que seu muito original *Totem de Interpretação* não cabia nas categorias tradicionais de escultura. O *Totem* é, na realidade, um grande jogo: uma série de blocos com símbolos diversos pintados – setas, corações, armas, punhos, sinais de “pare”. O significado que o *Totem de Interpretação* traz depende apenas da disposição dos blocos, nunca ficando perfeitamente claro.

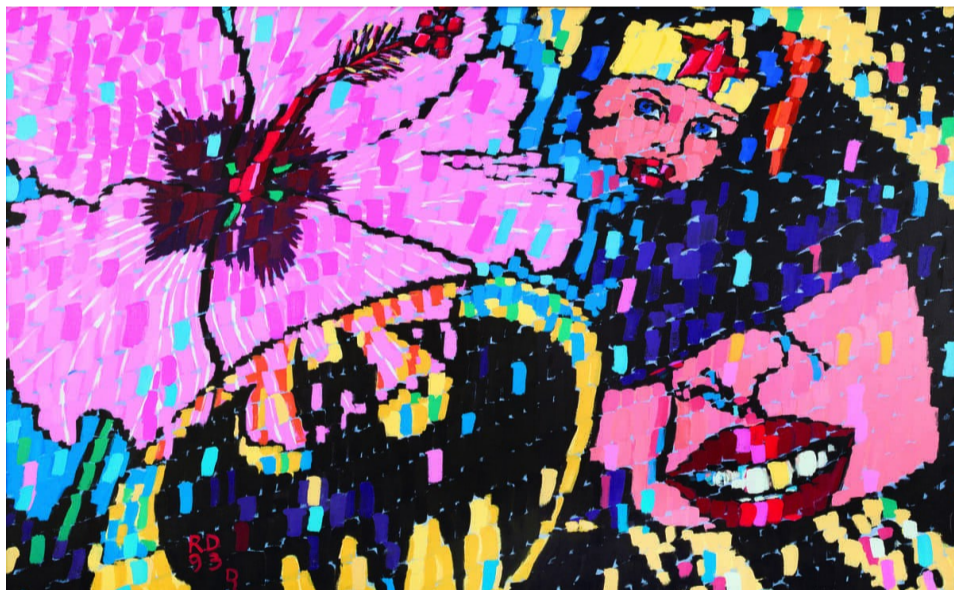
O *Totem* é, talvez, uma primeira manifestação do interesse de Romanita pelas idas e vindas da comunicação humana e suas arbitrariedades. Esse interesse continuaria ao longo do tempo em suas serigrafias, por exemplo, em que ela continuamente ampliou o vocabulário de símbolos que querem dizer muita coisa mas acabam não dizendo coisa nenhuma. É justamente essa brincadeira que a interessa.

Em 1991, porém, Romanita ingressa no doutoramento na USP sob orientação do professor e artista Julio Plaza e elabora o projeto que daria origem a Batman, Madonna e Mulher Maravilha e que a faria colocar os pingos nos is de seus interesses. A chamada “Pintura Pós-TV” é uma interpretação de Romanita de uma antiga questão na história da arte: como as pessoas de fato enxergam o mundo?

Claude Monet foi um dos pioneiros nesse âmbito. Ele pintou ao ar livre a mesma cena em diversos horários do dia, estudando como as cores mudavam conforme a luz, e como isso era capaz de transformar o jeito com que vemos a realidade. Georges Seurat, depois, reduziu a percepção humana a infinitos pontinhos de cor. Romanita revisita os pontinhos de Seurat, exceto que, para ela, os pontinhos têm nome: os quadradinhos são os pixels das telas de TV, que se mesclam e fazem interferência um com o outro.

Ao melhor estilo da Arte Pop, a artista vê as imagens de televisão e de computador como a maneira de enxergar o mundo mais essencial e característica de seu tempo – a base da comunicação humana. O repertório de imagens é, inclusive, muito contemporâneo à pintura de 1993: em 1992, Madonna usava aquele mesmo dente dourado na promoção de seu álbum *Erotica*, então recém-lançado; *Batman: o Retorno*, com Michael Keaton e Michelle Pfeiffer, também havia sido lançado em 1992. Mais do que influências antigas, os super-heróis e popstars de Romanita são os santos a quem se reza nos altares da televisão.

Batman, Madonna e Mulher Maravilha é, assim sendo, mais do que uma pintura “fútil” – palavra muito usada contra a Arte Pop. Ela é a síntese feita por Romanita Disconzi do espírito de uma época, que opera com ícones diferentes dos da Arte Pop clássica de Andy Warhol, mas ícones mesmo assim, e que se vê tão saturada de telas e propagandas. Mais do que a luz do sol de Monet, essa arte se tornou o modo padrão de ver o mundo – e de fazer arte.



Romanita Disconzi (Santiago, RS, 1940)
Batman, Madonna e Mulher Maravilha, 1993
Acrílica sobre tela, 143,5 x 230cm
Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

Luís Eduardo Hofmeister é estudante do Bacharelado em História da Arte.

Quinzenalmente, estudantes e pesquisadores apresentam obras da [Pinacoteca Barão de Santo Ângelo](#) a partir de diferentes aspectos. A seção tem curadoria de [Camila Monteiro Schenkel](#).

[View on Instagram](#)

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil



Movimento de plataformação do trabalho docente



O Direito e a prevenção de desastre ambiental



Atuação do NESA-IPH frente às inundações



A presença negra num bairro riograndino



Carta aos leitores | 06.06.24



A cultura Hip Hop expressa sua coletividade em espaços que demarcam sua presença no RS



Impercepção botânica na política ambiental



Árvores podem aliviar deslizamentos e enchentes

INSTAGRAM

[Jornal da Universidade UFRGS](#)
@jornal da universidadeufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br